ALÉM DOS ESPAÇOS ESCOLARES CONVENCIONAIS, MULHERES IDOSAS EM UM GRUPO DE ALFABETIZAÇÃO E APOIO ESCOLAR

Ana Maria Domingos¹
Mirian Teresa de Sá Leitão Martins²

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivos identificar os significados atribuídos por mulheres idosas ao processo educativo e analisar as formas de autogestão alcançadas por essas mulheres, após sua inserção em processo educativo fora dos espaços escolares convencionais. O referencial teórico foi ancorado em Freire (2003) e Labonte (2000), entre outros. Foram entrevistadas dez mulheres do Grupo Sócio-educativo do Centro de Convivência de um Hospital Universitário, no município do Rio de Janeiro. Realizou-se a análise temática dos depoimentos. O processo educativo emergiu como um meio de empoderamento a essas mulheres, pois possibilitou a (re)construção da autonomia e melhorou a condição cognitivo-afetiva.

Palavras-chave: educação, empoderamento, mulher idosa.

INTRODUÇÃO

No momento atual, são muitas as transformações verificadas nas sociedades em desenvolvimento e desenvolvidas. São mudanças econômicas, sociais, culturais, ambientais e demográficas. Entre tantas citadas, uma delas, a modificação no crescimento populacional, chama a atenção pelo avanço do número de pessoas com mais de 60 anos.

O Relatório Nacional sobre o envelhecimento da população brasileira, de 2000, sinaliza o crescimento exponencial dessa faixa etária. A participação de idosos na população total passou dos 4%, em 1940, para 9% em 2000, e aponta que no ano de 2025, no Brasil, eles serão aproximadamente 30 milhões, ou seja, quase 15% da população total (IBGE, 2000).

O envelhecimento é um conjunto de processos que compreende múltiplas dimensões, sendo elas: cronológica, biológica, psicológica, política, cultural e social. Neste sentido, viver muito é uma conquista, mas não é o suficiente. É preciso viver/envelhecer melhor. E a maneira do idoso viver melhor, é se sentir integrado socialmente.

Talvez por isso, as pessoas idosas procurem cada vez mais se inserir em novos contextos sociais participando de diversos grupos de convivência, como associações, clubes, entre outros. Alguns voltam ao trabalho (geralmente informal) e iniciam ou retornam aos estudos. Aliás, esse processo ocorre, muitas vezes, com um contingente específico: o das mulheres idosas (Martins, 2004).

Em nosso país, o nível de escolaridade é baixo, tanto da população idosa, assim como da adulta e da infantil. Muitos abandonam os estudos ou sequer vão às escolas, principalmente nas áreas rurais. Embora já se verifique mudanças na universalização do acesso à escola, esse quadro ainda é real: cerca de 5,5 milhões de crianças trabalham e quase 1,1 milhão não estudam (IBGE, *op.cit.*).

¹ Especialista em Gerontologia. Doutora em Enfermagem e Professora Adjunta da Escola de Enfermagem Anna Nery/. < anamariadomingos@terra.com >

² Mestre em Ciências Médicas PGCM/UERJ, Psicóloga, servidora da Prefeitura do Rio de Janeiro e pesquisadora na área de envelhecimento. < mirianteresad@yahoo.com.br >

Estes números ficam ainda mais marcantes quando nos referimos à pessoa idosa, mesmo se considerarmos que houve um avanço ao comparamos com os números do censo de 1991. O quantitativo dos que não sabem ler nem escrever, em 2000, representa cerca de 5,1 milhões (IBGE, *op.cit*). Uma das razões seria o fato de que na primeira metade do século passado, para as pessoas que hoje são idosas, o acesso à escola era ainda muito restrito. Esse quadro é explicado pelas políticas educacionais da época. Até os anos 50, a universalização do ensino fundamental não era obrigatória, ficando reservada a determinados segmentos da sociedade. Não existia um acesso igualitário entre as classes sociais, nem entre os sexos.

As oportunidades educacionais para pessoas idosas continuam sendo postergadas; não obstante o aumento da expectativa de vida, nos últimos tempos encontramos índices baixos de escolaridade na população idosa e o número de idosos alfabetizados passou de 55,8% para 64,8%, segundo o Censo de 2000 (Veras *et al*, 2003).

Para podermos modificar esse quadro, é necessário promover a valorização do saber dos idosos através de metodologias educacionais eficazes que os instrumentalize para a transformação de sua realidade e de si mesmos, de modo que se voltem para a realidade mediatizadora do processo de viver/envelhecer.

As conjunturas históricas, culturais e sociais influenciam a visão que o idoso tem sobre a importância da educação nesta fase da vida. Em muitos casos, incorporam os mitos com relação à sua capacidade de aprender, o que não é verdadeiro, pois, sobre esta questão, estudos e pesquisas têm demonstrado que a memória, por exemplo, tem melhorias a partir da aquisição de novos conhecimentos. É preciso destacar que o envelhecimento não altera a capacidade de aprendizagem da pessoa idosa, e mesmo em presença de alterações que limitam ou condicionam as habilidades sensoriais, não se observa um declínio na função intelectual do idoso.

Enfim, a educação nessa fase da vida é bastante significativa para essas pessoas e respaldada legalmente no Estatuto do Idoso, cujo artigo 20 prevê a elaboração de projetos educacionais: “O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (Brasil, 2003, p.12).

Toda essa explanação consiste em sustentar a motivação em desenvolver essa investigação, que se deu pela proximidade com mulheres idosas de um Centro de Convivência onde elas participam de atividades promocionais, reabilitativas e educativas. Nesse Centro de Convivência desenvolve-se, também, um Grupo de Alfabetização e Apoio Escolar para idosos que não tiveram oportunidade de estudar na juventude.

Utilizando como fonte de dados o projeto de criação do Centro de Convivência, atentamos que esse trabalho, que atende a idosas das classes populares, foi concebido, por um lado, na perspectiva da pedagogia libertadora de Paulo Freire (2003); e por outro lado, incorpora os preceitos autonomia e independência, importantes fundamentos do campo teórico da Gerontologia.

Partindo dessa informação, não seria impreciso afirmar que no Grupo de Alfabetização, aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, vivida pelas idosas, que se dá através da relação dialógica entre os atores da aprendizagem. Uma característica da pedagogia do Grupo é o planejamento conjunto das atividades presenciais, que giram em torno de temas escolhidos pelas mulheres idosas. Neste caso, é pertinente assegurar que a ação comunicativa se faz presente pela livre expressão das idéias e pelo diálogo que se estabelece entre os agentes da aprendizagem, o que evita

a sobreposição de saberes e reforça o exercício da cidadania pelo respeito às diferenças individuais, caracterizando um educar diferenciado.

Portanto, os processos comunicativos se materializam no espaço grupal e se baseiam em ouvir o outro para conhecer os seus saberes, interesses e necessidades, não havendo lugar para a domesticação, a opressão ou a dominação, distanciando-se da transmissão impositiva de conhecimentos. (Freire, 2003). O Grupo funciona às segundas-feiras e às quintas-feiras pela manhã, com duas horas de duração. A condução das atividades e o projeto pedagógico são de responsabilidade de uma pedagoga, auxiliada por duas voluntárias idosas, de modo a promover um acompanhamento mais individualizado aos alunos. Os encontros são realizados no espaço de convivência com a disposição do mobiliário apropriada para as participantes se envolverem nas atividades, dialogarem e refletirem sobre suas experiências.

Entendemos que o Centro de Convivência atua como apoio social e como instrumento para o empoderamento, pela possibilidade de inserção das participantes nas atividades e pela inclusão social. Trata-se de um trabalho extremamente significativo que justificou, por si só, a realização desse estudo, e deu origem a alguns questionamentos: essas idosas, ao estarem inseridas em um processo educativo, teriam modificações em suas vidas? Aumentaram a sua capacidade de autogestão? Assim, delimitou-se como objeto de estudo: o processo educativo e o empoderamento de mulheres idosas de um Centro de Convivência.

Isso posto, o estudo teve por objetivos: identificar os significados atribuídos pelas mulheres idosas ao processo educativo e analisar as formas de autogestão alcançadas por essas mulheres após sua inserção no Grupo de Alfabetização.

CONCEPÇÕES TEÓRICAS DO ESTUDO

A educação é um fenômeno social, então, para a realização desse estudo, foi preciso buscar concepções teóricas que permitam compreender esse fenômeno em maior profundidade.

Estabelecida essa premissa, para se compreender as possibilidades de emancipação das mulheres a partir do processo educativo, precisamos dialogar com os pressupostos educacionais na perspectiva de Paulo Freire (2003), que pensa na possibilidade de libertação dos indivíduos através da autonomia e do conhecimento, este entendido sempre numa relação social e como um processo contínuo.

Em nossa compreensão, o processo educativo se concretiza no cotidiano e na escola, onde as vivências e o saber, ao longo dos anos, contribuem e vão possibilitar a aquisição de novos conhecimentos. Estes possibilitarão mudanças no dia-a-dia das mulheres. É preciso, portanto, desenvolver a consciência crítica, que se caracteriza pela prática do diálogo (Freire, 2003). A educação visa a convivência social, a cidadania e a tomada de consciência política.

A educação, então, pode ser considerada como um instrumento de transformação, tanto a nível pessoal como social, que pode se dar em diferentes espaços onde exista a reflexão. Esta é, para Brandão (1999), um processo contínuo e dinâmico que proporciona crescimento e desenvolvimento.

Também coadunamos com as idéias desenvolvidas por Lopes (1999), que propõe uma análise do conhecimento a partir de uma perspectiva pluralista e descontínuista da cultura, por acreditarmos na sua contribuição para o entendimento dos diferentes saberes sociais. A perspectiva pluralista e descontínuista da cultura questiona o modelo da razão ocidental (que defende a uniformidade

dos saberes da cultura) e a idéia de que a cultura é um processo apenas acumulativo de símbolos. Nessa concepção pluralista, a cultura tem um caráter plural, multifacetado (Lopes, 1999).

A autora acima citada propõe uma pluralidade de saberes, os quais não devem ser construídos apenas pela ciência, por não ser esta a única e possível forma de se conhecer o mundo. O conhecimento é mais amplo, envolve também o saber cotidiano e empírico.

A educação, na perspectiva freireana, só pode ser considerada como verdadeira caso as pessoas possam analisar melhor sua realidade vivida e agir sobre ela, transformando-a. É, então, a capacidade de interpretar o mundo, desenvolver a consciência crítica; é um meio vital para obtenção de poder. Isto é possível a partir de uma educação reflexiva que preconize o desenvolvimento crítico (Freire, 2003).

Dentro dessa perspectiva, no nosso entender, o estudioso se aproxima do conceito de empoderamento. De acordo com Vasconcelos (2001), o empoderamento pode ser entendido como o aumento do poder pessoal e coletivo do indivíduo e de grupos sociais, ou ainda:

“está relacionado às formas alternativas de se trabalhar o respeito mútuo, as realidades sociais, a autogestão e os movimentos sociais autônomos” (VASCONCELOS, 2001, p.5).

Labonte (2000) denomina de “empowerment education” a efetivação de uma modelo pedagógico que possa contribuir para a emancipação do sujeito, através do pensamento crítico e estímulo a ações que objetivem a superação das estruturas ideológicas de opressão.

METODOLOGIA

Estudo do tipo exploratório descritivo, realizado no Grupo de Alfabetização e Apoio Escolar de um Centro de Convivência de Idosos pertencente a um Hospital-Escola de uma Universidade Pública Federal, no município do Rio de Janeiro. O Centro de Convivência possui uma equipe multidisciplinar formada por profissionais de nível superior e médio e por um grupo de voluntários.

Considerando os aspectos tratados neste estudo, realizamos a coleta de dados iniciando com a observação da sistemática do Grupo, pois, para Freire (2003), é necessário um conhecimento prévio da realidade do sujeito. Com isso, foi possível captar os aspectos implicados no processo educativo.

Nessa etapa da investigação, observamos que as participantes eram estimuladas a refletir sobre um tema em pauta, através do diálogo. A partir dos relatos das idosas, a pedagoga desencadeava o processo ação-reflexão-ação com o objetivo de compartilhar os saberes, ampliando a possibilidade de interpretação da realidade pela problematização. Mas não foi só isso, em seguida, lançou mão de jogos pedagógicos e exercícios tradicionais para o aprendizado. De nosso ponto de vista, a integração entre os saberes, experiências, valores crenças e emoções dos atores envolvidos acerca das questões levantadas, deu mais consistência ao processo educativo e levou à observação de que a adoção desta metodologia é favorecedora da reflexão e tomada de consciência.

Foi nesse contexto que se deu a sensibilização dos sujeitos para a pesquisa. Estabelecemos como critério de inclusão: mulheres que participassem do grupo há pelo menos seis meses, tempo que consideramos suficiente para a construção dos significados atribuídos ao processo educativo. Foram entrevistadas 10 mulheres idosas das classes populares, com idades entre 63 e 78 anos, em sua maioria viúvas, e com até quatro anos de escolaridade. A aquiescência das colaboradoras da pesquisa foi documentada através de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, obedecendo a

Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as Diretrizes e Normas de Pesquisas envolvendo Seres Humanos. Deste modo, assegurou-se o anonimato e o sigilo. A proposta de estudo fora anteriormente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição.

A amostra foi de conveniência, ou seja, apenas as mulheres que se encontravam no Grupo no momento da coleta de dados participaram da pesquisa.

As respostas foram transcritas na íntegra e analisadas de acordo com os procedimentos da análise temática, procurando-se atingir os significados manifestos e latentes do material coletado (BARDIN, 1979).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebeu-se que as depoentes objetivaram os significados atribuídos ao processo educativo. Houve um consenso nas respostas sobre o processo educativo como porta de entrada da reinserção social, permitindo que essas idosas desvendem e acessem o mundo objetivo.

As mulheres apontam que o processo educativo promove a busca pela superação das dificuldades impostas no curso da vida. Entre as possíveis contribuições para uma vida mais plena, encontram-se: o resgate da auto-estima, a descoberta de potencialidades, o prazer de se expressar e ser ouvido. Isso se dá porque a aquisição de conhecimento se faz através de uma praxis planejada, inclusiva e significativa para esses sujeitos. As respostas relacionadas a essas afirmativas mostram que o processo educativo permite desvendar o mundo:

Hoje é cada vez mais importante. A pessoa que não sabe ler é cega...

Ajuda, em primeiro lugar, porque fica mais esclarecida, tem mais sabedoria, vai aprendendo muita coisa, vai decifrando a vida, ajuda a definir melhor essa vida, tão cheia de prós e contras.

Observou-se que, para elas, o estudo potencializou suas aspirações pelo fato de que, após estarem inseridas no grupo de alfabetização e apoio escolar, tornaram-se pessoas mais esclarecidas e capazes de decifrar o que estava à sua volta. Este possibilitou descobrir um novo universo, assim como as auxiliou na compreensão do seu dia-a-dia, melhorando o curso do processo viver/envelhecer.

Assim, considerou-se que a inserção dessas mulheres, no Grupo, ajuda a dar um significado às questões do cotidiano feminino na velhice. Tal fato se dá, em muito, pela abordagem pedagógica adotada no grupo de alfabetização, baseado no modelo pedagógico de Freire (2003), em que constantemente se trabalhava com a reflexão e com a cultura que emergia do próprio grupo. Este tipo de trabalho se sustenta pelo diálogo que permite ao sujeito recriar seu saber nas interações que se dão no cotidiano de suas vidas e na escola. Nesse caso específico, podemos dizer que as experiências dessas mulheres na velhice são extremamente importantes, pois, não se percebem como seres para o ostracismo ou para a morte, e sim, como seres para a vida.

Percebeu-se também nos seus relatos, a importância do estudo e a sua influência na ampliação da participação social, pelo fato de que este reduz o isolamento social dessas pessoas e aumenta a auto-estima, como é observado nas seguintes falas:

Quando se sabe ler e escrever tem mais consideração, pode se reunir, pode participar de tudo...

É uma coisa que faz muita falta para a comunicação entre as pessoas, sem estudo fica tímida, não se achega a ninguém.

Na nossa compreensão, o processo educativo que se concretiza no Grupo pode favorecer a participação social, o que representa um modo de manutenção dessas mulheres no envelhecimento ativo. Outro possível elemento explicativo para esse favorecimento seriam as estratégias sócio-educativas selecionadas para as ações de aprendizagem (grupo reflexão, debate de aspectos atuais, valorização do saber das alunas), pois estas mobilizam as reservas pessoais, sobretudo a autonomia, como prerrogativa para a participação ativa desses sujeitos no planejamento e controle de suas vidas.

A educação, além de visar a convivência social, visa a tomada de consciência política através de um questionamento de suas condições de vida para alcançar objetivos em comum, numa maior participação social. Pelo conteúdo das respostas, pode-se pensar que a educação possibilitou que as idosas também se sentissem mais seguras e edificassem seu próprio espaço, junto com seus pares.

Foi desvendado, a partir dos depoimentos, que o processo educativo contribui para as idosas na criação de seus próprios caminhos, na construção da autogestão. Sendo assim, é um instrumento de modificação, tanto no plano pessoal como coletivo.

A gente no grupo discute também sobre política, fala das coisas que estão erradas, assim para o dia-a-dia do idoso, da aposentadoria...

A partir dos depoimentos, foi possível analisar que o conhecimento é um instrumento emancipatório que possibilitou a essas mulheres serem donas do seu próprio destino, o que está representado na seguinte fala:

... Traz independência, eu sou senhora de mim, resolvo todos os problemas e ainda dos outros, pagamento, banco, tudo...

Com o estudo, as idosas passaram a ter autonomia, a resolver as questões da vida cotidiana, pois potencializaram o seu desenvolvimento ao controlarem suas finanças, aspectos referentes à sua saúde e às suas vidas; são autônomas. A autonomia é um conceito que, de acordo com Freire (1996), pode ser compreendido como autogoverno e, assim, se aproxima do de “empoderamento”.

Identificou-se nos depoimentos o que Myers (1993) chamou de “desemponderamento”, quando se refere às mudanças pessoais e sociais que a velhice traz, e à necessidade de sua reversão; ou seja, o “re-emponderamento” desse grupo. Tal processo, em nossa opinião, foi possível a partir da educação.

Estando com suas funções cognitivas plenas, as entrevistadas puderam tomar decisões com segurança pelo fato de que, no aspecto cognitivo, houve um ganho propiciado pelo processo educativo, confirmando que este auxilia as funções da memória, análise e raciocínio.

Os exercícios dados, como o de caça-palavra, ajudam a não esquecer. Aí, eu dependo menos dos outros.

É bom para a mente da gente, estimula a memória, ajuda a pessoa a ficar sabendo mais, não depender de ninguém...

Durante as entrevistas, a reflexão crítica acerca das questões inerentes ao envelhecimento, como o declínio da memória e a dependência de cuidados, foi mencionada, demonstrando que o processo educativo ajudava a essas mulheres a repensar sobre suas potencialidades e a tomada de decisão, o que lhes possibilitou romper com mitos sobre o envelhecimento, um dos quais a sua condição

de aprender. Para se questioná-los, é preciso levar em consideração as evidências produzidas sobre a aquisição de novos conhecimentos.

Ao longo desse estudo, o que foi percebido é que o processo educativo que se faz, entre outros aspectos, pelo acesso à informação e ao conhecimento, contribuiu para a participação social, com a possibilidade de discussão das questões referentes às suas vidas, além de potencializar a sua capacidade cognitiva proporcionando, assim, a autogestão.

A transformação que elas relataram ter ocorrido pela ampliação da autonomia, se deu por não dependerem mais de seus familiares ou de outras pessoas para exercer suas atividades diárias, para tomarem decisões. Ou ainda, pela inserção em grupos sociais onde elas passaram a se sentir mais senhoras de si. Ao aprender a ler e escrever, ou ao adquirir novos conhecimentos, puderam refletir sobre as inúmeras possibilidades de gerir suas vidas.

A partir dos resultados obtidos por essa pesquisa acreditamos que a participação no Grupo de Alfabetização permitiu à essas mulheres uma mudança pessoal, de poder nas relações que estabelecem; houve um empoderamento, já que possibilitou para essas pessoas o controle do seu próprio destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o aumento da população idosa, a sociedade tem sido levada a rever seus projetos sociais, políticos, econômicos, culturais e educacionais. Particularmente, a educação é um importante preditivo do envelhecimento ativo e participativo dos idosos, pois tem relação com a autonomia do idoso e seu reconhecimento social.

As respostas apontaram que o projeto pedagógico do Grupo de Alfabetização e Reforço Escolar possibilitou novas aquisições, contribuiu para que essas mulheres idosas entendessem melhor o mundo ao seu redor e fortalecessem sua auto-estima, aumentando sua participação social na busca por novos papéis na sociedade.

No presente estudo, o processo educativo emergiu como um meio de empoderamento para as mulheres ao possibilitar a (re) construção da autonomia, melhorando a condição cognitivo-afetiva. A educação emergiu como uma importante ferramenta no combate às barreiras sociais de exclusão das mulheres idosas, e como uma prática de ação transformadora.

Ressaltamos a importância da criação de espaços de aprendizagem no âmbito dos grupos e centros de convivências e nas unidades escolares que, longe de serem vistos como simples projetos para uma educação informal ou alternativa, devem ser reconhecidos e assumidos pelo sistema educacional vigente. Com a melhoria do nível educacional da população idosa, certamente a população de idosos será vista com olhares mais inclusivos, e esse novo olhar permitirá a universalidade de direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L.: *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979. 223 p.

BRANDÃO, Carlos.: *Saber e ensinar: três estudos de educação popular*. Campinas: Papyrus, 1999, 187p.

BRASIL: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei N. 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, DF, out. de 2003, Seção 1, pt1.

FREIRE, Paulo: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996, 54 p.

- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 36ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 107p.
- IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2000: Referência obtida de dados do site: <http://www.ibge.net/home/estatistica/populacao/perfildamulher> (acessado em 29 de agosto de 2005).
- LABONTE, R.: Planning framework for empowerment goals within health promotion. *Rev. Health Policy Plan*, Boston, v.15, n.3, p.255-262, 2000.
- LOPES, Alice Ribeiro: *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 220pp.
- MARTINS, V.: *Alfabetização a conquista da liberdade*. Brasil Responsável, Porto Alegre, v. 4, p. 18-23, 2004.
- MYERS, J.: Personal Empowerment. In: THURZS, D. (org.): The possibilities of empowerment. *Journal of the International Federation on Ageing*, v. 20, n.1, p 3-8, 1993
- VASCONCELLOS, E. M.: A proposta de empowerment e sua complexidade: uma visão histórica na perspectiva do Serviço Social e da Saúde Mental. *Revista de Serviço Social e Sociedade*, ano XXII, n. 65, p.5-53, 2001.
- VERAS, R.; PEREIRA, R. S.; CURIONI, C. C.: Perfil demográfico da população idosa no Brasil e no Rio de Janeiro em 2002. *Textos sobre Envelhecimento*, Rio de Janeiro v.6, .n.1, p. 37-46 ,2003.

ABSTRACT

This study aims both to identify the meanings assigned by elderly women about their educational process and to analyse the empowerment reached by these women after their educational inclusion out of conventional school spaces. The theoretical references are based on Freire (2003) and Labonte (1999), among other authors. Ten women from the social-educational group of the Center of Conviviality in an university hospital situated in Rio de Janeiro were interviewed . A thematic analysis of the interview content was conducted. The educational process emerged as a means for empowering these women, as it both favored the reconstruction of their autonomy and improve their cognitive-affective condition.

Keywords: education, empowerment, elderly women.